

Sem ameaça no 'front'

Se o presidente Fernando Henrique Cardoso nutre algum temor sincero a respeito de qualquer um dos políticos que até agora se apresentam como prováveis adversários em outubro de 1998, esconde muito bem o sentimento. Ao analisar o quadro ao seu redor, o presidente se não trata possíveis opositores com desdém, também não concede a nenhum deles sequer a prerrogativa da ameaça.

Com Luís Inácio Lula da Silva chega a ser impiedoso de tão nítido: "Ele é um símbolo de uma época, hoje não lidera mais nada." A. C. Gomes confere algum afeto, até mesmo respeito às qualidades políticas, mas considera que o ex-companheiro de partido perdeu-se na impetuosidade: "Precipitou-se e tirou o tapete sob os pés de Tasso (Jereissati, governador do Ceará), que agora fica obrigado a disputar a reeleição, o que não queria."

Paulo Maluf, sempre citado como possibilidade à direita caso as coisas venham a piorar para o governo, não recebe tratamento de todo reverente: "Ele desistiu de ser candidato a presidente porque viu nas pesquisas que perdia para mim em São Paulo."

Com isso, Fernando Henrique espera encerrar a trajetória da reversão, contada pelo próprio Maluf, segundo a qual o ex-prefeito teria feito um acordo no Alvorada trocando a candidatura à presidência pelo apoio do PFL na disputa paulista. "Não fiz acordo algum, ele pode dizer o que bem entender, mas não existiu nenhum acordo, já chegou aqui dizendo que não era candidato à presidência."

O presidente discorda da tese de que na realidade prefira concorrer com Lula para repetir o quadro da eleição passada, polarizando com quem já derrotou. "Isso é uma bobagem pois a candidatura de Lula apenas cria uma repetição de um fato que foi muito ruim não apenas para a esquerda, mas também para a política, para a democracia."

Segundo ele, melhor seria se o PT apostasse numa novidade, algo assim como Cristovam Buarque ou Tarso Genro. "Não para ganhar, porque não ganham, mas para criar uma possibilidade real de diálogo em ambiente renovado." Na análise de Fernando Henrique, esse diálogo poderia ter fluído caso ele tivesse ganhado a eleição de alguém à sua direita. "Como ganhei do Lula, a esquerda ficou ressentida, paralisada e não soube se credenciar como real alternativa de poder junto ao eleitorado."

A oposição, ao recusar-se a abraçar a tese do senador Roberto Freire – cuja aposta Fernando Henrique diz que é formar uma esquerda "up to date" –, agora perpetuará o antigo padrão.

Mas e os 15% ou 20% que Lula ainda mantém na preferência do eleitorado, segundo as pesquisas, apesar de duas derrotas consecutivas?

"O eleitorado é conservador. A prova é o PMDB que, apesar de todos os pesares, ainda se mantém com grande votação por todo o país. Não estou dizendo que Lula não possa ter esse percentual, pode ter mais ou menos, assim como o PMDB." Mas não é essa a questão fundamental.

A discussão, na opinião de Fernando Henrique, é que o ex-líder operário não representa alternativa de fato nem comanda projeto que indique avanços. Daí a qualificação de "símbolo de uma época". Ou seja, de uma época de resistência e luta pela ruptura de um sistema autoritário, quando o que está em questão na atualidade são os rumos do Brasil futuro.

"Que razões tem a população para votar em Lula hoje?"

Da mesma forma, não acredita que C. Gomes possa vir a capitalizar e a se beneficiar das insatisfações com o atual governo.

"Tudo o que ele propõe é o que estou fazendo, com algumas adaptações aqui ou ali. o projeto é o mesmo. O C. poderia no futuro vir realmente a se viabilizar para um projeto maior, mas preferiu se precipitar e agora seu único patrimônio é abrir uma luta pessoal contra mim."

E, nessa, o presidente aposta que C. perde. "É incontestável que meu governo conseguiu colocar o país numa direção, mostrar que temos rumos. As dificuldades vão sendo rompidas devagar, há contrariedades, mas tenho apoio popular."